

# Notas de viajante

Rubem BRAGA

1232

— A Suíça. O que mais me impressionou não foi a ordem perfeita, a arrumaçãc quase aflitiva que dá vontade da gente andar pelo campo com um cinzeiro na mão. Foi aquela exploração do rio, para a qual meu amigo Cícero Dias me chamou a atenção.

Ninguém trabalha mais no mundo que um rio suíço. Além de carregar barcos e funcionar como elemento da paisagem — parece estar sempre posando, como um artista de cinema que fosse funcionario do Departamento de Turismo — esse rio bem comportado, cuja agua provavelmente é toda filtrada, não desperdiça nem um pouquinho de sua força. Do peso de cada gota o suíço tira uma faisca de electricidade. O rio é verdadeiramente torturado, obrigado a cair de frente e de lado — talvez para cima, de vez em quando.

\*\*\*

A cada curva da estrada nós o encontramos, cada vez em uma direção diferente, sempre trabalhando. Imagino que ele deve se sentir um pouco desafogado quando entra em outro país e é explorado com mais largueza por outras turbinas. E que, na hora de se entregarem enfim, ao nirvana do mar, essas aguas devem suspirar com alívio: Enfim, não vamos mais trabalhar para suíço.

\*\*\*

S. Juan les Pins, três da manhã.

Aproximo-me ao acaso de duas jovens desconhecidas: uma lourinha muito alta e uma preta retinta. A lourinha pede um "Marie Brisar", me diz que é belga e que veio de sua terra até aqui pegando caronas pela estrada: o autô "stop" é uma instituição em agosto. Tem 17 anos, trabalha numa perfumaria e insinua que eu poderia levá-la à "cave" que se abriu sob as velhas muralhas de Antives. A negri-

nha é do Senegal e estuda "philo" em Paris. Será professora, e ama a poesia moderna. Não bebe alcool e diz que "não precisu". Perguntam de onde sou, confesso que sou egipcio. Ambas querem muito ir lá, ver piramides, esfinges.

Um dia inteiro no mar, essa musica negra chorando pela madrugada, tudo faz um sujeito ficar otimista e generoso:

— Não é preciso ir lá, meus anjos. Vou falar ao meu primo, o Rei Faruk, ele manda trazer tudo aqui para vocês brincarem um pouquinho.

\*\*\*

Rodamos por essas estradas da Provença: passamos em Aix em Arles. Meu amigo me empresta uns olhos escuros: o sol estala de claridade sobre os campos. Talvez a gente tenha bebido um pouco demais o "Chateaufort du Pape", talvez essas estradas retas dêem um pouco de sono. Mas talvez tudo tenha acontecido. Encontramos um velho socegado, com um ar de camponês, pintando uma paisagem. Ofereci-lhe os olhos, pois a luz estava muito intensa e Paul Czanne me respondeu:

— Não preciso, tenho meus filtros.

Ele tinha filtros de luz dentro dos olhos. Mais tarde vimos outro homem que dava grandes pinceladas em uma tela, diante de um campo de trigo. Olhei seu quadro, parecia que tudo se incendiava. Quis emprestar-lhes meus olhos. Mas Vincent Van Gogh saiu correndo pelo campo, os olhos muito abertos diante do sol, entre as searas — louco...

\*\*\*

E começam a chegar a Paris os primeiros peregrinos brasileiros, que, depois de receberem grandes indulgencias papais em Roma, vêm gastá-las um pouco por aqui.

Mais de 50

B.A. - Notas de viajante

163